



Ordenamento do Espaço Marítimo Nacional Plano de Situação

Volume VI

RESUMO NÃO TÉCNICO

Avaliação Ambiental Estratégica

2.^a versão para consulta pública



**Ordenamento do Espaço
Marítimo Nacional
Plano de Situação**

 **dezembro 2018**

ÍNDICE

1 Enquadramento	1
2 O que foi avaliado?	2
2.1 Âmbito de aplicação do Plano de Situação	2
2.2 Visão, Princípios e Objetivos do Plano de Situação	4
2.3 Conteúdo material e documental do Plano de Situação	5
3 Quais são os objetivos e qual a metodologia da Avaliação Ambiental?	6
4 Quais são os fatores críticos para uma boa tomada de decisão?	7
5 O que se concluiu sobre a análise e avaliação estratégica do Plano de Situação?	11
6 Diretrizes de monitorização e governança	13
Ficha Técnica	16

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Descrição do FCD “Estado ambiental” e respetivos critérios de avaliação.....	8
Tabela 2. Descrição do FCD “Desenvolvimento e crescimento azul” e respetivos critérios de avaliação.	9
Tabela 3. Descrição do FCD “Riscos e alterações climáticas” e respetivos critérios de avaliação.	9
Tabela 4. Descrição do FCD “Defesa e vigilância” e respetivos critérios de avaliação.....	10
Tabela 5. Descrição do FCD “Conhecimento, capacidade científica e tecnológica” e respetivos critérios de avaliação.....	10
Tabela 6. Descrição do FCD “Cooperação” e respetivos critérios de avaliação.....	11
Tabela 7. Medidas para a prevenção e potenciação dos efeitos resultantes da implementação do Plano de Situação e sua articulação com os FCD.....	14

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Âmbito geográfico da Avaliação Ambiental Estratégica do Plano de Situação.....	2
Figura 2. Subdivisões da Diretiva-Quadro Estratégia Marinha.	3
Figura 3. Procedimento de Avaliação Ambiental definido pelo Decreto-Lei n.º 232/2007, de 15 de junho (Adaptado de Partidário, 2007).	7
Figura 4. Fatores Críticos de Decisão como elemento integrador e estruturante em AAE (Adaptado de Partidário, 2007).....	8
Figura 6. Quadro de governança do Plano de Situação.....	15

ACRÓNIMOS

AAE	Avaliação Ambiental Estratégica
ACIF-CCIM	Associação Comercial e Industrial do Funchal – Câmara do Comércio e Indústria da Madeira
AMN	Autoridade Marítima Nacional
AMRAM	Associação de Municípios da Região Autónoma da Madeira
APA	Agência Portuguesa do Ambiente
APRAM	Administração de Portos da Região Autónoma da Madeira
AREAM	Agência Regional da Energia e Ambiente da Região Autónoma da Madeira
CCDR	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
COI	Comissão Oceanográfica Intersectorial
DGEG	Direção-Geral de Energia e Geologia
DGPC	Direção Geral do Património Cultural
DGPE	Direção-Geral de Política Externa
DGPM	Direção-Geral da Política do Mar
DGRM	Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos
DQEM	Diretiva-Quadro Estratégia Marinha
DRA	Direção Regional do Ambiente
DRAE	Direção Regional dos Assuntos Europeus
DRAECE	Direção Regional dos Assuntos Europeus e da Cooperação Externa
DRAIC	Direção Regional de Apoio ao Investimento e à Competitividade
DRAM	Direção Regional dos Assuntos do Mar
DRC	Direção Regional de Cultura
DRCT	Direção Regional da Ciência e Tecnologia
DRET	Direção Regional da Economia e Transportes
DRJD	Direção Regional de Juventude e Desporto
DROTA	Direção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente
DRP	Direção Regional das Pescas
DRT	Direção Regional do Turismo
DRTu	Direção Regional do Turismo
EMEPC	Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental
FCD	Fatores Críticos para a Decisão
GNR	Guarda Nacional Republicana
ICNF	Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
IFCN	Instituto das Florestas e Conservação da Natureza
IH	Instituto Hidrográfico
IMT	Instituto da Mobilidade e dos Transportes

IPMA	Instituto do Mar e da Atmosfera
LBOGEM	Lei de Bases de Política de Ordenamento e Gestão do Espaço Marítimo Nacional
OOM	Observatório Oceânico da Madeira
PMA	Parque Marinho dos Açores
RAM	Região Autónoma da Madeira
RNT	Resumo Não Técnico
SRPCBA	Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores
TP	Turismo de Portugal
TUPEM	Títulos de Utilização Privativa do Espaço Marítimo Nacional
UA	Universidade de Aveiro

1 ENQUADRAMENTO

O presente documento constitui o **Resumo Não Técnico (RNT)** do Relatório Ambiental do processo de Avaliação Ambiental Estratégica (AAE) relativo à elaboração do Plano de Situação do Ordenamento do Espaço Marítimo Nacional, doravante designado Plano de Situação.

O Resumo Não Técnico é um documento que tem como objetivo facilitar a divulgação pública. Apresenta-se como uma versão resumida do Relatório Ambiental, utilizando uma linguagem simples, de modo a permitir que o público em geral tenha conhecimento dos riscos e das oportunidades associadas à implementação do Plano de Situação. O Relatório Ambiental, que utiliza uma linguagem mais técnica, deve ser consultado no caso de se pretender uma informação mais detalhada sobre o processo de avaliação.

Com o processo de Avaliação Ambiental pretende-se identificar os potenciais efeitos decorrentes da implementação do Plano de Situação, tendo como objetivo geral auxiliar a integração ambiental e avaliar oportunidades e riscos das estratégias de ação no quadro de um desenvolvimento sustentável do espaço marítimo nacional.

O Plano de Situação representa e identifica a distribuição espacial e temporal dos usos e atividades existentes e potenciais, procedendo também à identificação dos valores naturais e culturais com relevância estratégica para a sustentabilidade ambiental e a solidariedade intergeracional¹.

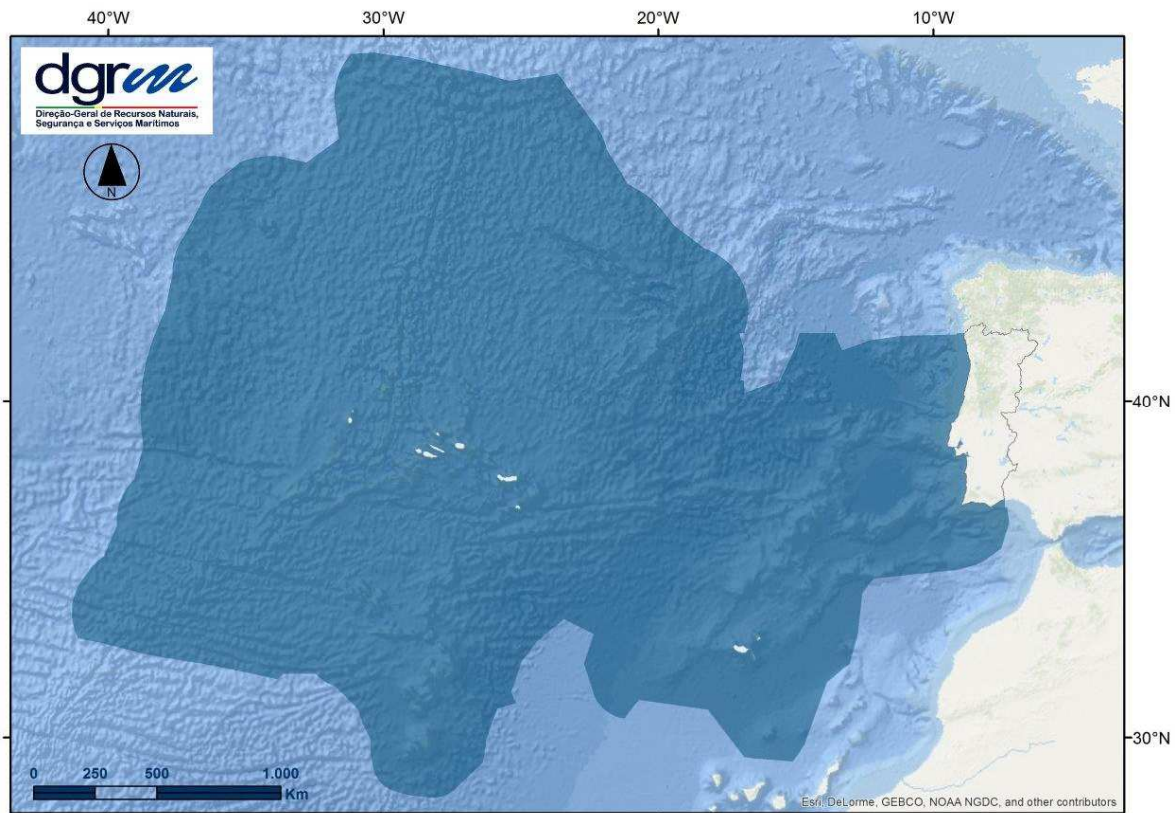
A elaboração do Plano de Situação é cometida:

- À Direção Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM), na zona do espaço marítimo nacional compreendida entre a linha de base e o limite exterior da plataforma continental para além das 200 mn, com exceção das zonas do espaço marítimo nacional adjacentes aos arquipélagos da Madeira e dos Açores compreendidas entre as linhas de base e o limite exterior da plataforma continental até às 200 mn;
- À Direção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente (DROTA), da Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais do Governo Regional da Madeira, na zona do espaço marítimo nacional adjacente ao arquipélago da Madeira compreendida entre as linhas de base e o limite exterior da plataforma continental até às 200 mn;
- À Direção Regional dos Assuntos do Mar (DRAM), da Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores, na zona do espaço marítimo nacional adjacente ao arquipélago dos Açores, compreendida entre as linhas de base e o limite exterior da plataforma continental até às 200 mn.

Assim, o processo de Avaliação Ambiental, que foi desenvolvido em estreita articulação com a elaboração do Plano de Situação, incide sobre todo o espaço marítimo nacional (Figura 1), sob a coordenação da DGRM, tendo em conta as devidas especificidades regionais, asseguradas pelos organismos das regiões autónomas

¹ Artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 38/2015, de 12 de março.

34 da Madeira e Açores, a DROTA e a DRAM, respetivamente. De salientar ainda que a Região Autónoma dos
35 Açores possui enquadramento legal próprio², a ser tido em conta no presente processo de avaliação.



36
37 **Figura 1. Âmbito geográfico da Avaliação Ambiental Estratégica do Plano de Situação.**

38

39 **2 O QUE FOI AVALIADO?**

40 O Plano de Situação é o instrumento de ordenamento do espaço marítimo que permitirá à Administração
41 emitir Títulos de Utilização Privativa do Espaço Marítimo Nacional (TUPEM), garantindo a transparência e
42 segurança jurídica. De um modo geral, o Plano de Situação promove a compatibilização entre usos ou
43 atividades concorrentes e visa contribuir para melhor e maior aproveitamento económico do meio marinho e
44 minimizar os impactos das atividades humanas no meio marinho.

45 **2.1 ÂMBITO DE APLICAÇÃO DO PLANO DE SITUAÇÃO**

46 O Plano de Situação abrange todo o espaço marítimo nacional, desde as linhas de base³ até ao limite exterior
47 da plataforma continental, integrando as águas interiores marítimas, o mar territorial, a zona económica

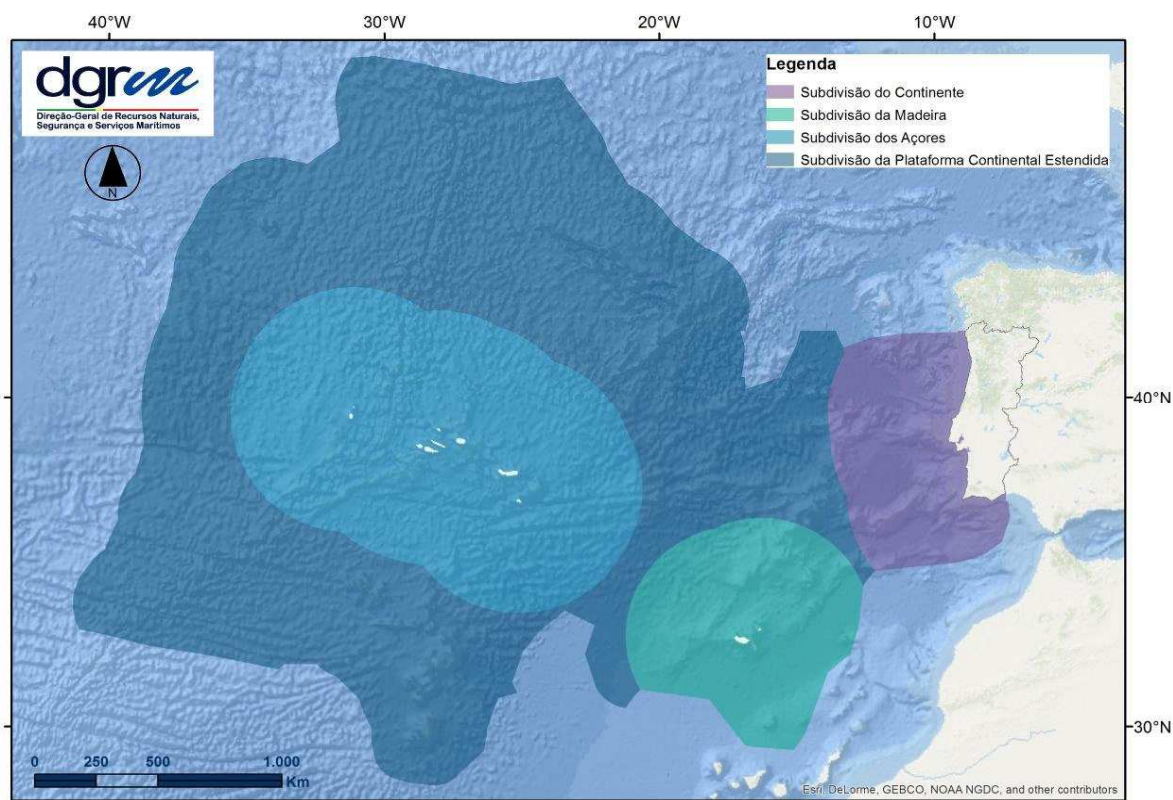
² Decreto Legislativo Regional n.º 30/2010/A, de 15 de novembro.

³ N.º 2 do artigo 2.º da Lei n.º 17/2014, de 10 de abril.

48 exclusiva e a plataforma continental, incluindo além das 200 milhas náuticas. O Plano de Situação abrange
49 assim as zonas marítimas adjacentes ao arquipélago dos Açores, ao arquipélago da Madeira e ao Continente.

50 No âmbito do Plano de Situação foram adotadas as subdivisões estabelecidas na Diretiva-Quadro Estratégia
51 Marinha⁴ (DQEM, Figura 2), a saber: Subdivisão do Continente, Subdivisão dos Açores, Subdivisão da Madeira
52 e Subdivisão da Plataforma Continental Estendida, competindo, tal como já referido, à DGRM o ordenamento
53 das subdivisões do Continente e da Plataforma Continental Estendida, à DROTA e à DRAM, a subdivisão da
54 Madeira e a subdivisão dos Açores, respetivamente.

55 A elaboração do Plano de Situação implicou, assim, um esforço de coordenação entre as administrações
56 centrais e regionais, de modo a que, no respeito pelas competências próprias dos governos regionais, se
57 garantisse, simultaneamente, a coerência de princípios e práticas de ordenamento ao nível nacional, que se
58 materializou no desenvolvimento pela DGRM, DROTA e DRAM dos volumes I e II, relativos ao
59 enquadramento, estrutura e dinâmica, e à metodologia para a espacialização de servidões, usos e atividades,
60 ficando a espacialização das atividades e relatórios de caracterização a cargo das respetivas entidades
61 (volumes III e IV, respetivamente). Os trabalhos foram concluídos para as subdivisões do Continente, Madeira
62 e Plataforma Continental Estendida, encontrando-se em desenvolvimento os trabalhos relativos à subdivisão
63 Açores, situação prevista na lei, seguindo-se posteriormente os necessários trâmites processuais.



64
65 **Figura 2. Subdivisões da Diretiva-Quadro Estratégia Marinha.**

⁴ Diretiva 2008/56/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 17 de junho, transposta para o direito interno pelo Decreto-Lei n.º 108/2010, de 13 de outubro, na sua atual redação.

66 2.2 VISÃO, PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DO PLANO DE SITUAÇÃO

67 O Plano de Situação tem como **visão**:

68 “Um instrumento de **desenvolvimento económico, social e ambiental**, gestão espacial,
69 de **consolidação jurídica** e de **afirmação geopolítica** de Portugal na **bacia do Atlântico**.”

70 O Plano de Situação segue ainda os seguintes **princípios**:

- 71 › Abordagem ecossistémica;
- 72 › Gestão adaptativa;
- 73 › Gestão integrada;
- 74 › Abordagem precaucional;
- 75 › Subsidiariedade;
- 76 › Promoção da colaboração para uma governança responsável dos oceanos;
- 77 › Valorização e fomento das atividades económicas;
- 78 › Cooperação e coordenação regional e transfronteiriça;
- 79 › Participação e simplicidade de perceção.

80 Tem como **objetivos**:

- 81 › Contribuir para a valorização do mar na economia nacional, promovendo a exploração sustentável,
82 racional e eficiente dos recursos marinhos e dos serviços dos ecossistemas, garantindo a salvaguarda do
83 património natural e cultural do oceano;
- 84 › Contribuir para a coesão nacional, reforçando a dimensão arquipelágica de Portugal e o papel do seu
85 mar interterritorial;
- 86 › Contribuir, através do ordenamento do espaço marítimo nacional, para o ordenamento da bacia do
87 Atlântico;
- 88 › Contribuir para o reforço da posição geopolítica e geoestratégica de Portugal na bacia do Atlântico como
89 maior estado costeiro da União Europeia;
- 90 › Garantir a segurança jurídica e a transparência de procedimentos na atribuição de títulos de utilização
91 privativa do espaço marítimo nacional;
- 92 › Assegurar a manutenção do bom estado ambiental das águas marinhas⁵, prevenindo os riscos da ação
93 humana e minimizando os efeitos decorrentes de catástrofes naturais e ações climáticas;
- 94 › Assegurar a utilização da informação disponível sobre o espaço marítimo nacional;

⁵ Artigo 3.º da Diretiva Quadro Estratégia Marinha.

- 95 ․ Contribuir para o conhecimento do oceano e reforçar a capacidade científica e tecnológica nacional.

96 2.3 CONTEÚDO MATERIAL E DOCUMENTAL DO PLANO DE SITUAÇÃO

97 Quanto ao seu **conteúdo material**, o Plano de Situação é constituído, resumidamente, pelo seguinte:

- 98 ․ A identificação e a distribuição espacial e temporal dos usos e atividades existentes e potenciais;
- 99 ․ A identificação dos programas e planos territoriais que incidam sobre a mesma área ou sobre áreas do
100 Plano de Situação que, pela interdependência estrutural ou funcional dos seus elementos, necessitem
101 de uma coordenação integrada de ordenamento;
- 102 ․ Os fundamentos estratégicos, legais, técnicos e científicos das respetivas indicações e determinações;
- 103 ․ A identificação das áreas e ou dos volumes relevantes para a conservação da natureza, biodiversidade e
104 serviços de ecossistemas e áreas marinhas protegidas classificadas e os recursos sedimentares com
105 potencial interesse;
- 106 ․ A identificação das redes de estruturas e infraestruturas e dos sistemas indispensáveis à defesa
107 nacional, à segurança interna e à proteção civil, sempre que não haja prejuízo para os interesses do
108 Estado;
- 109 ․ A identificação dos valores correspondentes ao património cultural, material ou imaterial, em meio
110 náutico e subaquático;
- 111 ․ A localização de elementos relativos à navegação, ilhas artificiais, instalações e estruturas.

112 Quanto ao seu **conteúdo documental**, o Plano de Situação é constituído pela representação geoespacial do
113 ordenamento, que estabelece a distribuição espacial e temporal dos valores, dos usos e das atividades
114 existentes e potenciais, aos quais estão associadas normas de execução que identificam as restrições de
115 utilidade pública, os regimes de salvaguarda e de proteção dos recursos naturais e culturais e as boas práticas
116 a observar na utilização e gestão do espaço marítimo nacional.

117 O Plano de Situação é ainda acompanhado pelo relatório de caracterização da área e ou volume de incidência
118 do Plano de Situação e pelo relatório e declaração ambiental resultante do processo de avaliação ambiental.

119

120 3 QUAIS SÃO OS OBJETIVOS E QUAL A METODOLOGIA 121 DA AVALIAÇÃO AMBIENTAL?

122 O Plano de Situação encontra-se sujeito a um processo de Avaliação Ambiental Estratégica⁶, que tem como
123 objetivo geral auxiliar a integração ambiental e avaliar as oportunidades e riscos decorrentes das estratégias
124 de ação no quadro de um desenvolvimento sustentável, permitindo, assim, avaliar e comparar opções
125 alternativas de desenvolvimento enquanto estas ainda se encontram em fase de estudo.

126 Em termos metodológicos, a presente AAE tem como base a metodologia adotada pela Agência Portuguesa
127 do Ambiente (APA), bem como a análise das práticas correntes de AAE no âmbito dos processos de
128 ordenamento do espaço marítimo internacionais, sendo assegurado o cumprimento da legislação em vigor.
129 Neste quadro, a abordagem adotada assentou no desenvolvimento de um conjunto de atividades alocadas a
130 quatro componentes fundamentais do processo de AAE (Figura 3):

- 131 † Determinar o âmbito da AAE e os Fatores Críticos para a Decisão (FCD);
- 132 † Análise e Avaliação Estratégica;
- 133 † Consulta Pública e Institucional;
- 134 † Proposta de Declaração Ambiental.

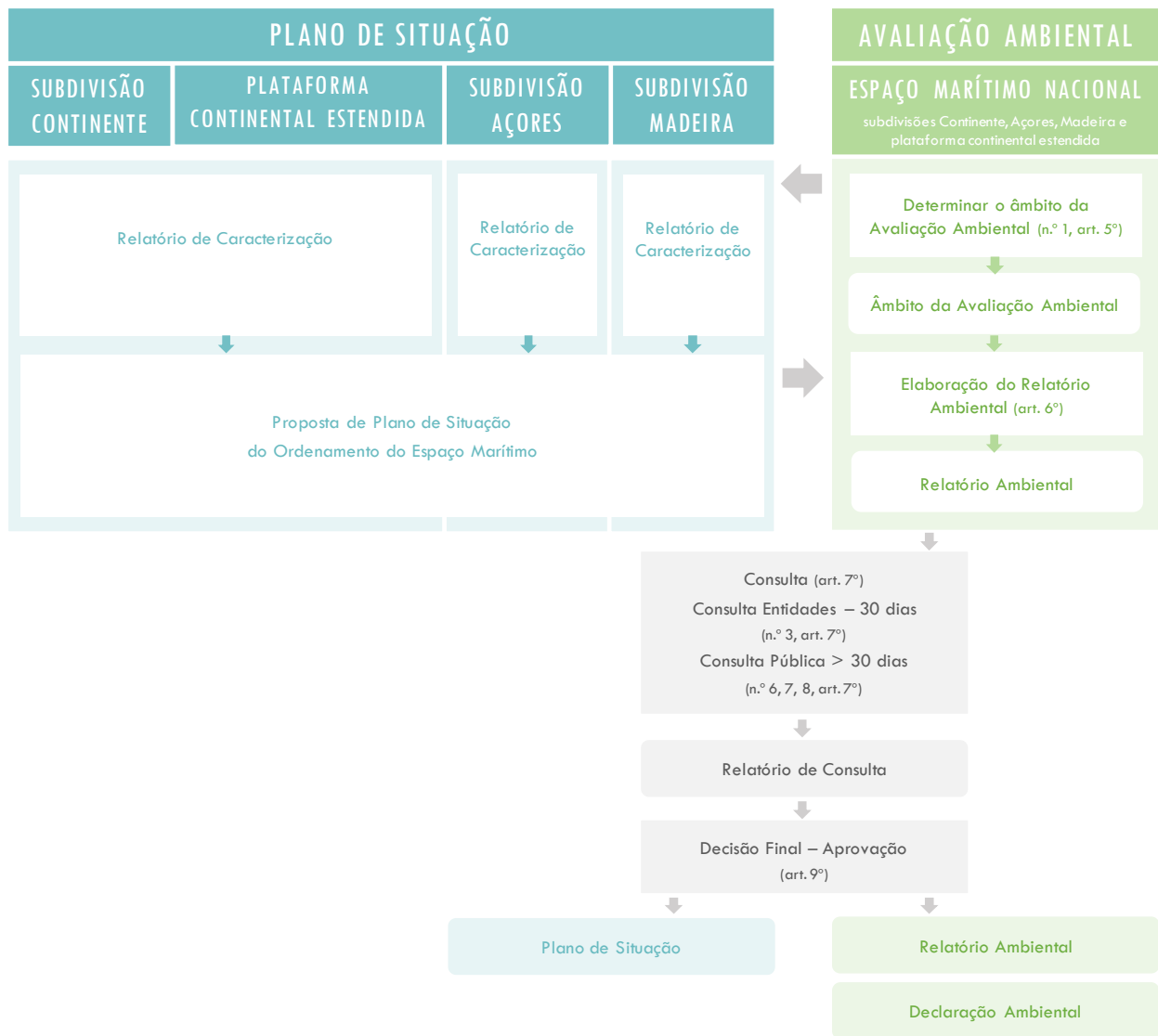
135 Deste modo, após determinação do âmbito da AAE, através da definição dos FCD, procedeu-se ao
136 desenvolvimento dos critérios de avaliação, que serviram de suporte à análise e avaliação do Plano de
137 Situação. Para cada um dos FCD foi feito um diagnóstico, tendo em consideração a situação atual e a
138 tendência de evolução, bem como uma **avaliação dos eventuais efeitos significativos no ambiente**
139 **resultantes da implementação do Plano de Situação**, nomeadamente na Rede Natura 2000.

140 Esta avaliação incidiu sobre a abordagem estratégia do Plano de Situação, que se consubstancia em opções
141 de carácter geral, no modelo de espacialização do Plano de Situação e nas medidas de boas práticas e de
142 compatibilização de usos propostas.

143 Os resultados da AAE serão revistos em função das consultas realizadas e dos comentários obtidos,
144 satisfazendo os requisitos legais do processo formal AAE. Será então preparada uma proposta de Declaração
145 Ambiental, onde se justifica a forma como as considerações ambientais e os resultados da consulta pública
146 foram integrados e considerados no Plano de Situação, bem como as medidas de controlo previstas.

147 A equipa responsável pela AAE agiu de modo colaborativo com a DGRM, DROTA e DRAM com o objetivo de
148 contribuir para afinar, em termos ambientais e de sustentabilidade, as opções estratégicas e os outros
149 elementos estratégicos do Plano, à medida que estes iam sendo esboçados e concretizados.

⁶ Decreto-Lei n.º 232/2007, de 15 de junho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 58/2011, de 4 de maio. Na Região Autónoma dos Açores o enquadramento legal da AAE encontra-se estabelecido no Decreto Legislativo Regional n.º 30/2010/A, de 15 de novembro.



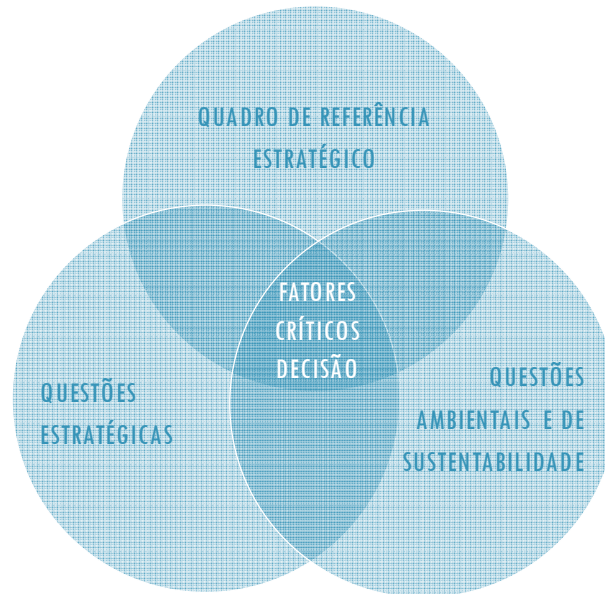
150
 151 **Figura 3. Procedimento de Avaliação Ambiental definido pelo Decreto-Lei n.º 232/2007, de 15 de junho (Adaptado de**
 152 **Partidário, 2007).**

153

154 4 QUAIS SÃO OS FATORES CRÍTICOS PARA UMA BOA

155 TOMADA DE DECISÃO?

156 Os Fatores Críticos para a Decisão constituem os temas estruturantes da avaliação ambiental estratégica. A
 157 sua identificação resulta da análise integrada dos elementos de base estratégica (Quadro de Referência
 158 Estratégica, Questões Estratégicas, e Questões Ambientais e de Sustentabilidade) e dos objetivos que
 159 norteiam o processo de elaboração do Plano de Situação (Figura 4).



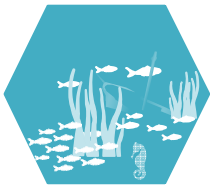
160

161 **Figura 4. Fatores Críticos de Decisão como elemento integrador e estruturante em AAE (Adaptado de Partidário, 2007).**

162 As tabelas seguintes identificam os FCD adotados e os respetivos critérios de avaliação.

163 **Tabela 1. Descrição do FCD “Estado ambiental” e respetivos critérios de avaliação.**

FCD#1. ESTADO AMBIENTAL



Este FCD diz respeito ao estado do meio marinho, compreendendo as espécies, habitats, ecossistemas e os serviços associados, bem como o património cultural. Com este FCD pretende-se avaliar de que forma o Plano de Situação incorpora medidas e/ou ações que contribuam para o bom estado ambiental do meio marinho e para a valorização e conservação do património natural e cultural.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

01 SERVIÇOS DOS ECOSISTEMAS

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para o conhecimento dos serviços dos ecossistemas e para a manutenção das suas funções, ou conflitua com estas, numa ótica de serviços múltiplos.

02 ESTADO AMBIENTAL E DAS MASSAS DE ÁGUA

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a garantia do bom estado ambiental do meio marinho e bom estado das águas costeiras e de transição, ou conflitua com estas.

03 PATRIMÓNIO NATURAL

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a preservação e valorização da biodiversidade e geodiversidade, ou conflitua com estas.

04 PATRIMÓNIO CULTURAL

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a preservação e valorização do património paisagístico e arqueológico, ou conflitua com estas.

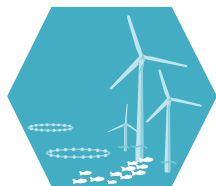
164

Fonte: UA (2018)

165

166 **Tabela 2. Descrição do FCD “Desenvolvimento e crescimento azul” e respetivos critérios de avaliação.**

FCD#2. DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO AZUL



Este FCD pretende avaliar de que forma o Plano de Situação incorpora medidas e/ou ações que contribuam para a promoção do bem-estar humano e da economia do mar, assim como, para a compatibilização das atividades e usos múltiplos, viabilizando e diversificando as atividades económicas e respeitando a integridade dos ecossistemas naturais.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

01 DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO SUSTENTÁVEL

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a economia do mar, através da dinamização de atividades que promovam o emprego e fomentem o mercado, do estímulo ao investimento e da desburocratização de processos, bem como através da compatibilização de atividades e usos de forma a minimizar conflitos e potenciar sinergias, garantindo a sustentabilidade ambiental do meio marinho.

02 UTILIZAÇÃO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS

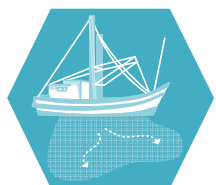
Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a utilização dos recursos marinhos de forma sustentável, sem comprometer a sua utilização pelas gerações futuras.

167 Fonte: UA (2018)

168

169 **Tabela 3. Descrição do FCD “Riscos e alterações climáticas” e respetivos critérios de avaliação.**

FCD#3. RISCOS E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS



Este FCD pretende avaliar de que forma o Plano de Situação incorpora, na espacialização dos usos e atividades, medidas e/ou ações que contribuam para a gestão e prevenção dos riscos tecnológicos e naturais, incluindo a adaptação às alterações climáticas.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

01 RISCOS TECNOLÓGICOS

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação prevê, gere e monitoriza os riscos tecnológicos associados à utilização do espaço marítimo.

02 RISCOS NATURAIS

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação considera os riscos naturais na definição de áreas potenciais para os diferentes sectores de atividade.

03 ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a antecipação dos efeitos negativos das alterações climáticas nos sistemas biofísicos, dos eventos climáticos extremos (ex: ventos extremos, precipitação excessiva, nível médio do mar, aumento de temperatura) e sua consideração na definição de áreas potenciais para os diferentes sectores de atividade.

170 Fonte: UA (2018)

171

172 **Tabela 4. Descrição do FCD “Defesa e vigilância” e respetivos critérios de avaliação.**

FCD#4. DEFESA E VIGILÂNCIA



Este FCD atende às questões de salvaguarda do interesse nacional em matéria de defesa e soberania nacional, segurança e vigilância.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

01 VIGILÂNCIA E FISCALIZAÇÃO DE ATIVIDADES MARÍTIMAS

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a eficácia do controlo, comunicação e vigilância de atividades marítimas, assegurando a integridade dos espaços marítimos sob jurisdição e/ou soberania nacional.

173

Fonte: UA (2018)

174

175 **Tabela 5. Descrição do FCD “Conhecimento, capacidade científica e tecnológica” e respetivos critérios de avaliação.**

FCD#5. CONHECIMENTO, CAPACIDADE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA



Este FCD pretende avaliar de que forma o Plano de Situação incorpora medidas e/ou ações que estimulem a produção do conhecimento; a produção de informação útil para a gestão adaptativa e sustentável do espaço marítimo e sua monitorização; a capacitação técnica dos agentes envolvidos na utilização do espaço marítimo, assim como divulgação e informação à sociedade.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

01 CONHECIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para o conhecimento científico e desenvolvimento de novas tecnologias aplicadas ao oceano.

03 LITERACIA

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a divulgação e informação associada ao mar em contextos formais e informais.

02 CAPACITAÇÃO TÉCNICA (QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL)

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para o desenvolvimento de competências técnicas dos agentes envolvidos na utilização e gestão do espaço marítimo.

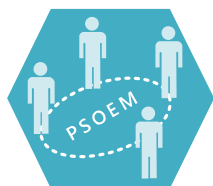
176

Fonte: UA (2018)

177

178 **Tabela 6. Descrição do FCD “Cooperação” e respetivos critérios de avaliação.**

FCD#6. COOPERAÇÃO



Este FCD pretende avaliar de que forma o Plano de Situação incorpora medidas e/ou ações que promovam a cooperação institucional (nacional e transfronteira), a coerência e articulação de instrumentos e processos.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

01 COOPERAÇÃO E COLABORAÇÃO TRANSFRONTEIRA

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação incorpora iniciativas de cooperação internacional e transfronteira.

02 COESÃO NACIONAL E REGIONAL

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para uma visão estratégica e partilhada do mar como vetor estratégico de desenvolvimento.

03 COOPERAÇÃO INSTITUCIONAL

Pretende avaliar de que forma o Plano de Situação contribui para a clarificação e articulação de competência institucionais quanto aos processos de decisão e gestão; criação e promoção de mecanismos de partilha de conhecimento e informação; coerência inter-regional de processos de planeamento, ordenamento e gestão do espaço marítimo.

179

Fonte: UA (2018)

180

181 5 O QUE SE CONCLUIU SOBRE A ANÁLISE E AVALIAÇÃO 182 ESTRATÉGICA DO PLANO DE SITUAÇÃO?

183 Tendo por base a análise detalhada do Plano de Situação avaliou-se os potenciais efeitos decorrentes da sua
184 implementação. Esta análise incidiu quer sobre a abordagem metodológica e as questões intrínsecas do
185 Plano, quer sobre o modelo de desenvolvimento adotado em cada uma das subdivisões, que se materializou
186 no estabelecimento de áreas potenciais para o desenvolvimento de usos/atividades que requerem reserva
187 de espaço, na identificação de boas práticas, e na compatibilização de usos e atividades.

188 Da análise estratégica efetuada importa destacar o esforço de cumprimento dos princípios instituídos na Lei
189 de Bases de Política de Ordenamento e Gestão do Espaço Marítimo Nacional (LBOGEM), particularmente
190 princípios de cooperação e coordenação, gestão integrada, gestão adaptativa, abordagem precaucional e
191 abordagem ecossistémica na utilização do espaço marítimo e na gestão de atividades.

192 A análise e avaliação estratégica evidencia:

- 193 ‣ Um esforço de convergência e coerência na adoção de metodologias de ordenamento do espaço
194 marítimo, salvaguardando as especificidades e os interesses de cada região, que resultam do processo
195 de diálogo e interação entre a DGRM, DRAM e DROTA.
- 196 ‣ Um esforço na articulação e compatibilização com programas e planos territoriais, traduzindo-se na
197 promoção do bom estado ambiental do meio marinho e do bom estado das massas de água costeiras e

198 de transição, bem como no combate à erosão costeira, através por exemplo, da identificação de
199 manchas de empréstimo destinadas à alimentação artificial da zona costeira.

200 † O carácter flexível do Plano, permitindo a alteração do mesmo, mediante aprovação de planos de
201 afetação ou modificação das condições de referência. Esta característica torna-se particularmente
202 relevante na adaptação às alterações climáticas, na manutenção do bom estado ambiental e na
203 integração do avanço do conhecimento científico. Este carácter dinâmico e flexível é considerado
204 fundamental para a minimização dos efeitos associados à incerteza do conhecimento do meio marinho,
205 na medida em que permite a sua adaptação à medida que o conhecimento aumenta e a
206 imprevisibilidade diminui.

207 † Um esforço na salvaguarda de áreas com estatuto de proteção, designadamente de áreas que integram
208 a Rede Natura 2000 e AMP, acautelando ainda as suas orientações de gestão, e a adoção de medidas
209 complementares por forma a minimizar os possíveis impactes negativos.

210 † O favorecimento do uso múltiplo do espaço marítimo e a promoção de sinergias, que permitem
211 maximizar as potencialidades económicas do mesmo espaço, diminuir a competição pelo espaço físico,
212 e promover uma maior eficiência na valorização económica dos recursos. A promoção de parcerias
213 entre empresas e entidades de investigação e de redes de cooperação, assume particular relevância nos
214 domínios da coesão regional e nacional e cooperação institucional e no desenvolvimento económico. No
215 entanto, a concentração de atividades pode dar origem à ocorrência de efeitos cumulativos negativos,
216 os quais serão devidamente avaliados em sede de avaliação de impacte ambiental, sempre que
217 aplicável. Nesta matéria, pese embora esteja prevista a sua avaliação na Diretiva de OEM, a prática e
218 conhecimento existente é ainda insipiente, havendo dois exercícios para o espaço marítimo associado
219 ao Continente realizados por Fernandes *et. al* (2017) e Batista *et. al* (2014).

220 † Uma preocupação em salvaguardar o uso e fruição comuns do espaço marítimo. Isto é particularmente
221 relevante na zona costeira, onde a utilização comum é mais intensa e da qual as comunidades,
222 particularmente as piscatórias, dependem direta e indiretamente.

223 A análise revela, ainda, que o Plano de Situação para determinadas atividades/usos emergentes,
224 nomeadamente no caso da biotecnologia marinha, dos recursos minerais metálicos, e do armazenamento
225 geológico de carbono, apenas caracteriza as atividades/usos, não apresentando áreas potenciais, nem
226 orientações de compatibilização entre atividades e de minimização de impactes no ambiente. Esta
227 circunstância deve-se à falta de conhecimento sobre a própria atividade e efeitos no meio marinho, bem
228 como ao facto destas atividades não se desenvolverem, à data, no espaço marítimo nacional, nem existirem
229 pedidos de TUPEM. Assim, para estas atividades, em que não são definidas áreas potenciais, a sua instalação
230 está dependente da aprovação de Plano de Afetação, e de avaliação de impacte ambiental, sempre que
231 aplicável, no âmbito dos quais estas lacunas e preocupações devem ser acauteladas.

232 Outro grande contributo do Plano de Situação materializa-se na disponibilização de informação
233 georreferenciada num GeoPortal⁷ dedicado para o efeito, com toda a cartografia disponível em formato
234 digital e de livre acesso, facilitando a consulta e tomada de decisão a qualquer interessado, nomeadamente

⁷ http://www.psoem.pt/geoportal_psoem/

235 investidores, uma vez que poderá escolher a zona do espaço marítimo e a escala mais apropriada às suas
236 necessidades e visualizar todas as condicionantes que sobre essa área incidem. A cartografia *online* possui
237 responsabilidade partilhada pelas diversas instituições, com a vantagem de que a informação permanece
238 sempre atualizada pelas fontes fornecedoras. É assim assegurada a transparência e partilha de informação e
239 também dado um forte contributo para o conhecimento das questões relacionadas com o ordenamento do
240 espaço marítimo.

241 O Plano de Situação reconhece a existência de lacunas no conhecimento, nomeadamente no que respeita à
242 complexidade e estado dos ecossistemas marinhos e ao impacto de determinadas atividades, existentes e
243 potenciais, no meio marinho, constituindo assim um constrangimento e um desafio ao desenvolvimento
244 sustentável e à manutenção do bom estado ambiental. Esta lacuna fez com que o Plano adotasse uma
245 abordagem precaucional na perspetiva de não comprometer o desenvolvimento sustentável.

246 Relativamente aos FCD, e respetivos critérios de avaliação, ao abrigo dos quais a análise e avaliação
247 estratégica foi realizada, verifica-se que o Plano de Situação apresenta, na generalidade, oportunidades para
248 os objetivos de ambiente e sustentabilidade consubstanciados no Quadro de Referência Estratégico. Alerta-
249 se, contudo, para a existência de incertezas na atribuição de responsabilidades associadas às boas práticas a
250 observar pelos diferentes usos/atividades na utilização e gestão do espaço marítimo nacional, bem como na
251 obrigatoriedade de as implementar.

252 Identificam-se também lacunas face a alguns FCD, especificamente a Defesa e Vigilância, Riscos e Alterações
253 Climáticas.

254 Da avaliação efetuada, é expectável que, de um modo geral, a implementação do Plano de Situação venha a
255 favorecer oportunidades no desenvolvimento de atividades que catalisem a economia do mar e
256 consequentemente a economia nacional, numa ótica de sustentabilidade ambiental, social e económica.
257 Neste contexto, o modelo de desenvolvimento preconizado contribui para alcançar a visão integradora do
258 espaço marítimo nacional, e para o cumprimento dos princípios orientadores da LBOGEM.

259 6 DIRETRIZES DE MONITORIZAÇÃO E GOVERNANÇA

260 A AAE baseia-se no princípio da precaução, tendo como objetivo final evitar e/ou minimizar os efeitos
261 negativos e/ou potenciar os efeitos positivos. Considerando os objetivos estratégicos do Plano de Situação é
262 expectável que, de um modo geral, a implementação do mesmo venha a favorecer oportunidades no
263 desenvolvimento de atividades que catalisem a economia do mar e consequentemente a economia nacional,
264 numa ótica de sustentabilidade ambiental, social e económica. Neste contexto, o modelo de
265 desenvolvimento preconizado contribui para alcançar a visão integradora do espaço marítimo nacional, e
266 para o cumprimento dos princípios orientadores da LBOGEM.

267 Constituem-se como oportunidades do Plano a cooperação e articulação regional e institucional, a
268 melhoria/criação de condições de capacitação nos vários domínios do ordenamento do espaço marítimo, a
269 valorização da identidade cultural do mar, e a promoção do conhecimento científico e tecnológico. Destaca-

270 se, no entanto, a necessidade de aprofundar, por parte do Plano de Situação, matérias relativas à vigilância e
271 fiscalização de atividades, gestão de riscos, e cooperação transfronteiriça.

272 São assim propostas na Tabela 7 medidas destinadas a acautelar as lacunas e preocupações identificadas,
273 durante o processo de avaliação ambiental estratégica, a fim de minimizar efeitos adversos, dando
274 cumprimento ao princípio de adaptabilidade, prevenção e precaução; bem como medidas destinadas a
275 potenciar as oportunidades do Plano de Situação.

276 **Tabela 7. Medidas para a prevenção e potenciação dos efeitos resultantes da implementação do Plano de Situação e sua**
277 **articulação com os FCD.**

	FCD					
	1	2	3	4	5	6
MEDIDAS DESTINADAS A POTENCIAR AS OPORTUNIDADES DO PLANO						
Incentivar o desenvolvimento e inovação tecnológica associados aos usos e atividades em espaço marítimo	x	x	x		x	
Incentivar o conhecimento do meio marinho, nomeadamente dos recursos biológicos, geológicos e energéticos	x	x			x	
Promover a cooperação científica e o estabelecimento de parcerias com os principais atores (públicos e privados)		x			x	x
Capacitar com os meios necessários os atores envolvidos nos processos de gestão e implementação do Plano de Situação		x	x		x	
Aumentar o número de ações de informação e sensibilização na área do mar					x	x
Potenciar a economia do mar		x				
MEDIDAS DESTINADAS A PREVENIR, REDUZIR E ELIMINAR EFEITOS ADVERSOS NO AMBIENTE						
Garantir a implementação dos programas de monitorização estabelecidos nos TUPEM e o tratamento dos dados obtidos	x		x			
Identificação e monitorização dos efeitos cumulativos	x	x				
Promover a cooperação transfronteiriça eficiente no ordenamento do espaço marítimo	x					x
Assegurar a coordenação dos meios existentes nas diferentes entidades, promovendo a salvaguarda do interesse nacional em matéria de defesa, segurança e vigilância			x	x		x
Assegurar a capacidade de resposta a situações de emergência	x		x		x	

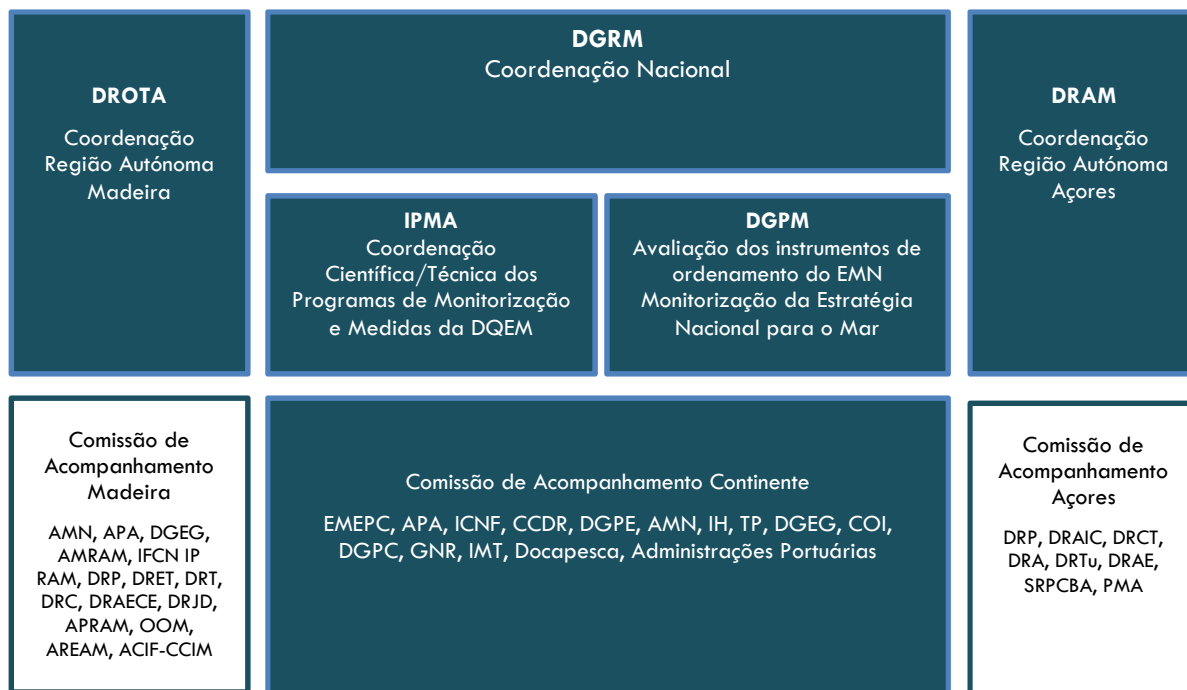
LEGENDA: FCD#1 Estado Ambiental; FCD#2 Desenvolvimento e crescimento azul; FCD#3 Riscos e alterações climáticas; FCD#4 Defesa e vigilância; FCD#5 Conhecimento, capacidade científica e tecnológica; FCD#6 Cooperação

Fonte: UA (2018)

278 Atendendo ao carácter complexo do espaço marítimo nacional, não só pela sua dimensão, usos, atividades e
279 funções, mas também porque sobre ele exercem jurisdição uma multiplicidade de entidades, apresenta-se,
280 por fim, o **quadro de governança**, que define as responsabilidades e reforça a necessidade de articulação
281 entre as várias entidades (**Erro! A origem da referência não foi encontrada.**).

282 O quadro de governança deve permitir a concretização de uma gestão integrada, eficaz e coerente do espaço
283 marítimo nacional, assumindo, assim, especial importância para a implementação do Plano de Situação. O
284 sucesso de implementação do Plano não dependerá apenas das entidades responsáveis pela sua elaboração

285 – a DGRM, DROTA e DRAM – mas também da cooperação entre as várias entidades, no âmbito das respetivas
 286 competências, e da eficácia dos diálogos institucionais estabelecidos.



287
 288

Figura 5. Quadro de governança do Plano de Situação.

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral

José Manuel Marques
Ana Paula Simão



Equipa Técnica

Ana Cristina Costa
Ana Teresa Castro
Elisabete Ferreira Dias
Henrique Tato Marinho



Coordenação Açores

Filipe Porteiro
Gilberto Carreira



Coordenação Madeira

Manuel Ara de Oliveira



Equipa Técnica

Isabel Lopes
Vitor Jorge



Coordenação UA

Fátima L. Alves
Lisa P. Sousa



Equipa Técnica

Adriano Quintela
Johnny Reis
Márcia Marques
Maria da Luz Fernandes

